

O pensamento mestiço
e uma poética da mestiçagem
Hélder Garmes*

* Universidade de São Paulo.

No ano passado, a Companhia das Letras lançou uma tradução de *O pensamento mestiço*, o mais recente trabalho de Serge Gruzinski. O intelectual francês atualmente ocupa o cargo de diretor da École de Hautes Études en Sciences Sociales e do Conseil National de Investigation Scientifique. Possui uma vasta bibliografia que privilegia as relações culturais entre o México e a Europa durante o período dos descobrimentos, realizando sua reflexão a partir de uma perspectiva interdisciplinar, que envolve a história, antropologia, paleografia, crítica cultural.

Diversos de seus livros ainda não foram traduzidos no Brasil, tais como *Les Hommes Dieu du Mexique* (1985), *La Colonisation de l'Imaginaire* (1986) e *La Guerre des Images* (1990) – este último com Carmen Bernard. A Edusp publicou sua *História do novo mundo* (2001), também em colaboração com Carmen Bernard, e, antes de *O pensamento mestiço*, a Companhia das Letras já publicara *A passagem do século – 1480-1520* (1999) e também *Rio de Janeiro, cidade mestiça* (2001), este em colaboração com Luiz Felipe Alencastro e com Tierno Monénembo.

Assim como em *La Guerre des Images*, no qual investiga a manipulação da imagem desde a viagem de Cristóvão Colombo (1492) até o imaginário presente no filme *Blade Ranner* (2019), em *O pensamento mestiço* Gruzinski centra sua atenção nos grotescos mexicanos do século XVI, mas faz inúmeras relações com o momento em que vivemos, além de, no último capítulo, refletir sobre a obra da década de 1990 do cineasta Wong Kar-Wai, de Hong Kong.

Em sua análise, Gruzinski demonstra como a cultura nahuatl sobreviveu dentro da cultura cristã, tendo ocorrido uma fusão cultural que, vista da perspectiva contemporânea pode causar estranhamento, mas que se revelou plenamente coerente aos olhos da comunidade mexicana seiscentista.

Ao analisar a apropriação que os pintores nahuatl, em Ixmiquilpan, fizeram de Ovídio, por exemplo, constata como foi por intermédio da fábula, gênero pelo qual Ovídio foi largamente difundido no século XVI, que eles conseguiram manter viva a sua cultura no interior do processo europeu de dominação. “A fábula ajudou-os a abalar o jugo das formas cristãs que lhes eram impostas, ao mesmo tempo em que se tornou o veículo de um pensamento disfarçado ou discreto, subversivo ou simplesmente heterodoxo”.

Além disso, Gruzinski acaba por delinear uma espécie de poética da mestiçagem e da hibridação, entendendo mestiçagem como um “embate de civilizações ou de conjuntos históricos diferentes” e hibridação como os “embates no interior de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico”. Tal poética privilegiaria um conjunto de procedimentos formais caracterizados pela forte presença da contradição, do paradoxo, do desequilíbrio, do cruzamento de procedimentos estéticos de múltiplas origens, gerando no receptor um certo estranhamento no que diz respeito aos valores, modelos e referências que se encontram integrados na obra.

A naturalização do que poderíamos chamar de uma tensão harmoniosa entre elementos dispares, apontando para conflitos aparentemente insolúveis, é que parece ser a característica peculiar de uma obra mestiça. Não é por acaso que cita de forma recorrente *Macunaíma*, de Mário de Andrade, como obra paradigmática de mestiçagem. Ao doar naturalidade à mescla entre tradição oral indígena e capitalismo europeu, fazendo com que o gigante Piaimã possa ser concomitantemente o capitalista Wenceslau Pietro Pietra, Mário de Andrade materializa e naturaliza um conflito que seria tomado com estranhamento tanto da perspectiva da cultura indígena quanto da cultura européia. Cria, assim, uma terceira coisa que, apesar de se assumir enquanto diferente e íntegra, não tem sua tensão de origem amenizada. Essa parece ser a concepção que Gruzinski tem de uma obra de arte mestiça: “Em vez de se limitar a representar ‘situações de impasse’ ou a rejeitá-las, cada uma dessas obras [toma aqui a cinematografia da década de 1990 de Hong Kong] aciona deslocamentos ou mutações que cultivam de todas as maneiras os recursos da mestiçagem e da hibridação”.

Desse modo, a arte mestiça cria espaços múltiplos e complexos de instabilidade e de combate, que “fornecem o privilégio de se pertencer a vários mundos numa só vida: *Sou um tupi tangendo um alaúde...*”.

Vale lembrar ainda que, para o autor, a mestiçagem não é um estado excepcional das relações interculturais que gerariam um caos temporário, mas sim uma condição permanente de tais relações: “As mestiçagens nunca são uma panacéia; elas expressam combates jamais ganhos e sempre recomeçados” (Gruzinski, 2001, p. 320).

Creio que a reflexão de Gruzinski sobre a mestiçagem é de grande valia para os trabalhos de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na medida que suas concepções acabam por valorizar as contradições e paradoxos presentes nas obras literárias sem que tal valorização banalize o conflito ali presente. Em outras palavras, aqueles elementos que tradicionalmente foram lidos ora como distorção do modelo europeu, ora como corrupção da cultura indígena, podem ser tomados como elementos de integração da obra, já que passam a ser avaliados a partir de uma poética que reconstrói a coerência interna da obra a partir dos conflitos culturais nos quais ela emerge. A contradição e o paradoxo, portanto, passam a ser procedimentos privilegiados em tal poética, já que são aqueles que melhor mimetizam a realidade social em que tais obras foram escritas.

Mas se o conflito cultural é aqui valorizado, parece-me que a violência presente no processo de dominação de uma cultura sobre a outra fica um tanto amenizada. Entender a obra mestiça como um lugar de conflito sempre renovado é muito perspicaz, mas acaba dando a impressão de que a resistência pode ser sempre renovada, sem prejuízo para aquele que resiste. Parece-me que a alteridade conquistada pelos povos colonizados é cada vez menor. A homogeneização é, ao que tudo indica, mais forte que as resistências locais, o que aponta para o fato de a obra mestiça ser uma renovação do conflito cultural cada vez mais próxima do modelo dominante, ainda que este também se altere, num nível infinitamente mais baixo, em decorrência desse conflito.

De qualquer modo, as idéias de renovação permanente dos conflitos culturais e de valorização de procedimentos poéticos vinculados a tais conflitos vêm contribuir sobremaneira para a reflexão e análise da relação entre mestiçagem e literatura.